

DA TABANCA DE CÓ À UNIVERSIDADE NA GUINÉ-BISSAU E NO BRASIL: UMA REFLEXÃO AUTOBIOGRÁFICA DE UM ESTUDANTE DE SOCIOLOGIA

Elizandro Silva Quadé¹
Ricardino Jacinto Dumas Teixeira²

RESUMO

Este trabalho é uma reflexão autobiográfica da minha trajetória familiar (no interior da Guiné-Bissau) e formação universitária em Sociologia (na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB), no Brasil. Especificamente, o texto problematiza como os desafios estruturais de acesso à educação escolar na Sessão de Có, região de Cacheu, atravessam o percurso formativo do autor em Humanidades, possibilitando a transformação dos desafios de educação escolar em instrumento de transformação social, por de ensino superior. Metodologicamente, para a construção do corpus, adota-se a abordagem qualitativa, mediante pesquisa bibliográfica de autores como Cá (2008), Batista (2013), Morgado, Poças e Santos (2017), Lisidória Mendes (2020), Teixeira e Baticam (2020), Vaz Borges (2022), Mendes (2022) e Oliveira (2023), bem como a análise documental dos relatórios da Liga Guineense dos Direitos Humanos, para um estudo autobiográfico de duas trajetórias, na Guiné-Bissau e no Brasil. Os resultados evidenciam, primeiro, as marcas de uma trajetória de infância marcada pela desigualdade educacional, pela longa distância entre a casa e a escola percorrida a pé, pela fragilidade das políticas educacionais, pela ausência de suporte pedagógico adequado, por métodos arcaicos de ensino, mediante castigos físicos, e por pouca transparência nos processos seletivos de estudantes no acesso ao ensino superior no país. Essas dificuldades, que pareciam absolutas, impostas aos estudantes de Có, fizeram com que as mães assumissem a alfabetização dos seus próprios filhos, por meio de ensinamentos de convívio com a terra, uso sustentável do meio ambiente e cuidado com o espaço natural. Neste caso, houve que considerar, a tradição de resistência das mulheres bideras e memória de luta de libertação de uma sociedade que rejeita o fatalismo e cria condições próprias de mudança, mesmo em situações adversas. Tais condições estão imbricadas com os vínculos mantidos com os professores e colegas durante o processo formativo para a permanência nos estudos de um estudante africano de Sociologia no Brasil situado na interseccionalidade entre os dois interiores (tabanka de Có e UNILAB) na confluência de duas trajetórias que se unificam no conhecimento, na luta por direitos, aprendizado e mudança social.

Palavras-chave: Trajetória; Tabanka de Có; Universidade; Guiné-Bissau.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Unidade acadêmica de palmares, Docente, elizandrosilvaquade4@gmail.com¹
UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA, Unidade Acadêmica de palmares, Docente, ricardino@unilab.edu.br²

INTRODUÇÃO

Escrever sua própria trajetória e biografia de vida familiar constitui, em Ciências Sociais, um exercício de reconhecimento de um percurso com vários caminhos, inicialmente na Guiné-Bissau e, posteriormente, no Brasil, na UNILAB. Ao revisitar esse passado, cada vez mais presente em minha memória, exige-se rigor metodológico, guiado por princípios éticos, sobretudo quando falamos de nós mesmos. Isso porque, como afirma Bakhtin (2011), escrever sobre nossa trajetória, quando encarada de forma séria, proporciona autorreflexão, de modo que a nossa autopercepção ajude a clarificar o percurso pessoal, a trajetória familiar e acadêmica ou profissional que aproxima a maioria de jovens guineenses, nascidos no interior do país, em condições estruturais de desigualdade. Tais limites, aliados à instabilidade institucional do Estado, que se reflete no setor educativo, levam-me a levantar a hipótese de que, na Guiné-Bissau, em especial no interior, o acesso à educação é indissociável das condições estruturais, com relações diretas com a minha trajetória na Sessão de Có, embora não de forma linear. O momento de transformação se iniciou quando a minha mãe procurou uma alternativa e apropriou-se da sua experiência de vida no campo, iniciada com alfabetização materna, em Có, passando pelo estímulo educacional de professores, ampliada na UNILAB, com formação em Sociologia.

METODOLOGIA

A metodologia consiste em estudo autobiográfico, analisando a trajetória familiar desde a infância na Sessão de Có, na Guiné-Bissau, o incentivo de professores e o ingresso no ensino superior, no Brasil. A metodologia autobiográfica é uma análise de pesquisa qualitativa, na qual o sujeito reconstrói e interpreta sua própria trajetória de vida ou percurso acadêmico. Mais especificamente, ela busca transformar a trajetória individual do sujeito e a narrativa de seu autor em conhecimento científico, sendo usada em sociologia para analisar práticas sociais e formação. Nela, não há separação entre o autor e o objeto de estudo. Quanto à sua aplicação, não se trata apenas de narrar os fatos passados, mas interpretá-los à luz dos acontecimentos atuais. Neste estudo, sem negar o meu passado de infância em Có, procuro, igualmente, interpretá-lo à luz do momento atual do meu processo formativo em Sociologia, confrontando tais fatos com teorias e conceitos. Para esse desiderato, procedeu-se à coleta de dados, fazendo uso de bibliografias, análise crítica e reflexiva de autores, tais como, Cá (2008), Batista (2013), Morgado, Poças e Santos (2017), Lisidória Mendes (2020), Teixeira e Baticam (2020), Vaz Borges (2022), Mendes (2022) e Oliveira (2023). Tais referências me ajudam a refletir sobre minha trajetória familiar, socialização e interesse em prosseguir nos estudos e escrever sobre a minha própria vida em caráter autobiográfico relacionada à trajetória na Guiné-Bissau e no Brasil, duas realidades distintas, unidas pelo conhecimento, que marcaram a minha subjetividade autobiográfica, nesses países.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nasci na aldeia de Có, região norte da Guiné-Bissau, em 5 de outubro de 2000. Meu nome carrega a marca de dois mundos moldados pelo (pós)colonialismo: Elizandro, nome oficial usado nas instituições herdadas do colonialismo, e o sobrenome Silva Quadé, que reúne a herança portuguesa (Silva) e a herança africana (Quadé). Segundo Mendes (2022), essa dualidade decorre da imposição léxica colonial, que exigia das populações nativas a adoção da língua portuguesa e o abandono de sua origem africana, inclusive na escolha dos nomes próprios.

As memórias de infância remetem à minha mãe, Jorgina Domingos Nancassa, considerada analfabeta pelos padrões formais de educação ocidental, mas que foi minha primeira professora, ensinando-me a ler e escrever com paciência e autodidatismo. Boa aluna quando criança, teve os estudos interrompidos aos dezesseis anos, quando foi empurrada para o casamento com um homem de quarenta anos. Essa realidade, ainda comum para muitas meninas guineenses e narrada por autoras como violência em nome da tradição, é discutida por Lisidória Mendes (2020), que situa o casamento infantil como fator que compromete o futuro escolar feminino. A Liga Guineense dos Direitos Humanos (2022) denuncia que 12% das meninas entre 15 e 19 anos foram dadas em casamento ou vivem em união marital, sobretudo em zonas rurais, onde a presença do Estado é limitada.

A infância

Minha infância foi marcada pela vida no campo, em contato direto com a terra, plantas e animais, ajudando meus pais, agricultores, no cultivo de amendoim, milho preto, batata-doce, mandioca e hortaliças. Aos doze anos, tornei-me responsável pelos animais domésticos do meu pai, pastando o gado diariamente. A tabanka de Có era habitada majoritariamente por agricultores de subsistência e, como afirmam Morgado, Poças e Santos (2017), a atividade agrícola funcionava como verdadeira escola de vida para a população rural guineense.

Iniciei os estudos primários aos nove anos, na escola Joaquim Matam Biaguê, situada a três quilômetros da casa dos meus pais, percorridos a pé diariamente — uma distância que quase inviabilizava o acesso à escola. Segundo Morgado, Poças e Santos (2017), apenas 60% das crianças rurais guineenses acedem à escola, e a taxa de conclusão do ciclo básico não ultrapassa 40%. Atualmente, a Liga Guineense dos Direitos Humanos estima que 160 mil crianças estejam fora do sistema escolar, com taxa de conclusão do ensino básico em torno de 27%. Batista (2013) descreve esse cenário como injustiça escolar e cultural, resultado da ausência de políticas educacionais inclusivas por parte do Estado, apesar das garantias formais da Constituição guineense.

A juventude

Na juventude, a realidade escolar não mudou significativamente. Os métodos de ensino incluíam castigos físicos, com a palmatória usada para bater na palma da mão dos alunos, prática comparável aos tempos da escravização e que, até hoje, não é proibida por lei na Guiné-Bissau. A Liga Guineense dos Direitos Humanos (2022) relata que métodos disciplinares rígidos atingem mais de 40% das crianças guineenses, também presentes em ambientes familiares. Morgado, Poças e Santos (2017) atribuem parte desse quadro à fraca qualificação docente, já que 60% dos professores contratados no país não possuíam formação pedagógica.

Permaneci nessa escola até o sétimo ano, período marcado por episódios de violência. Meu tio, Júlio Mango, professor de biologia, percebendo meu desempenho, incentivou minha mãe a permitir minha continuidade dos estudos em Bissau. Assim, em 2013, mudei-me para a capital, morando na casa de minha tia, Sábado Djaga, em Belém, e matriculei-me no Liceu Samora Moisés Machel, onde cursei todo o ensino médio. Ali, criamos um grupo de leitores juniores, promovendo leituras em diversas escolas da cidade, o que aprimorou minha capacidade de comunicação e interpretação de mundo, apesar dos constrangimentos pedagógicos. Carvalho (2014) descreve esse período como marcado por greves de professores exigindo melhores condições de trabalho, situação também registrada pela Liga Guineense dos Direitos Humanos (2022). Mesmo assim, concluí o ensino secundário em 2017.

Guiné-Bissau: os limites à formação universitária.

Nos anos 1990, apenas duas instituições públicas ofereciam o curso de Letras no país. Os exames de admissão universitária funcionavam mais como formalidade do que como critério de seleção imparcial, já que laços de parentesco, interesses partidários e pagamentos indevidos dificultavam o acesso de estudantes menos favorecidos. Oliveira (2023) descreve esse cenário como resultado de estruturas de desigualdade que mantêm filhos de famílias pobres fora das universidades guineenses.

Em 2020-2021, tentei ingressar na Faculdade de Direito de Bissau, sem sucesso em duas tentativas. Passei então a trabalhar como professor de ensino básico na Escola Nova Geração Francisco Pereira, em Belém, por quatro anos. Posteriormente, matriculei-me na Universidade Católica da Guiné-Bissau, no curso de Licenciatura em Ensino Básico, onde tive os primeiros contatos com professores da área de Sociologia, que despertaram meu interesse crescente pela disciplina.

A UNILAB

No segundo ano da Licenciatura em Ensino Básico, encontrei no Edital da UNILAB uma oportunidade para cursar Sociologia no Brasil, sendo aprovado no exame de seleção. Cheguei ao país com apoio decisivo da minha família, que contraiu um empréstimo bancário para viabilizar a viagem, comprometendo parte significativa da renda familiar. Essa travessia não pode ser lida apenas como percurso pessoal: insere-se em um arco histórico mais amplo, que remonta à luta das mulheres agricultoras e vendadeiras, as *bideras*. Teixeira e Baticam (2020) conceituam as *bideras* como mulheres, geralmente viúvas, casadas ou divorciadas, que sustentam a educação dos filhos por meio da venda de produtos em mercados locais, simbolizando resistência contra a marginalização social imposta pelo sistema desigual de renda, trabalho e educação. Seus filhos, chamados *fidjus dibideras* e *fidjus diagricultores*, ao acessarem o ensino superior, transformam esse espaço em expressão de um movimento social africano, preservando o legado da luta de libertação contra o colonialismo e o analfabetismo.

CONCLUSÕES

A formação escolar não pode ser compreendida isoladamente das condições sociais, econômicas e familiares em que se desenvolve a trajetória dos sujeitos. Contudo, os obstáculos estruturais, que moldaram profundamente a minha trajetória, discutidos ao longo deste trabalho, não me conformaram, enquanto sujeito, com a narrativa de vida autobiográfica como instrumento de conhecimento. As mudanças em minha trajetória me ajudam a promover o autoconhecimento, bem como a compreender a formação e as mudanças que marcaram meu percurso familiar da infância e formativo da adolescência. A análise revela as transformações operadas pelo autor nas estruturas das desigualdades no acesso ao ensino superior até chegar à UNILAB, não apenas como expressão de uma luta individual, mas como resultado de um investimento familiar e educacional, sem negar certamente o desejo e o esforço do autor pelo conhecimento científico, na Guiné-Bissau e no Brasil, duas realidades de uma trajetória comum. Assim, este trabalho relaciona-se diretamente com o tema da semana universitária ao articular diversidade, inclusão e transformação social a partir de uma trajetória autobiográfica: dá voz a uma experiência africana e rural dentro da academia brasileira, expõe e supera barreiras estruturais de acesso à educação na Guiné-Bissau e mostra, por meio da chegada à UNILAB e do legado das *bideras*, como a formação universitária se converte em instrumento coletivo de libertação e mudança social.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador pela paciência comigo na realização deste trabalho e à comissão da Semana Universitária pelo trabalho que tem feito.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In. Estética da criação verbal. São Paulo. Martins Fontes, 2011.
- BATISTA, N. C. Políticas públicas para a gestão democrática da educação básica: um estudo do programa nacional de formação de conselheiro municipal da educação. Jundiaí. Paco Editorial, 2013.
- CÁ, L. O. A constituição da política do currículo na Guiné-Bissau e o mundo globalizado. Cuiabá. EdUFMT, 2008.
- CARVALHO, C. dos S. P. Guiné-Bissau. A instabilidade como regra. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências Políticas) - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Departamento de Ciências Políticas, Segurança e Relações Internacionais, Lisboa, 2014.
- DUMAS TEIXEIRA, Ricardino Jacinto; BATICAM, Sandra Tricia. Movimento social africano de Fidjus Dibideras de Guiné-Bissau em espaços universitários. Tensões Mundiais, [S. l.], v. 16, n. 32, p. 91-104, 2020. DOI: 10.33956/tensoesmundiais.v16i32.3487. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/tensoesmundiais/article/view/3487>. Acesso em: 22 ago. 2026.
- INSTITUTO TRICONTINENTAL DE PESQUISA SOCIAL. A educação política para a libertação na Guiné-Bissau entre 1963 e 1974. Pesquisa e redação de Sónia Vaz Borges. Estudos sobre Libertação Nacional, n. 1. Tricontinental. Institute for Social Research, 2022.
- LIGA GUINEENSE DOS DIREITOS HUMANOS. Relatório sobre a situação dos Direitos Humanos na Guiné-Bissau 2020-2022. Resistir ao autoritarismo, reviver Cabral. Bissau. LGDH, 2022.
- LIGA GUINEENSE DOS DIREITOS HUMANOS. Relatório sobre a situação dos Direitos Humanos na Guiné-Bissau 2023-2025. Entre a fragilidade institucional e a resistência cívica. Bissau. LGDH; Lisboa. ACEP, 2025.
- MENDES, L. Casamento infantil mata sonho na Guiné-Bissau. Guiné-Bissau. Blog4Devwinner, 2020. Disponível em: <https://blogs.worldbank.org/pt/youth-transforming-africa/casamento-infantil-mata-sonhos-na-guine-bissau>. Acessado em 10 de outubro de 2023.
- MENDES, L. V. Itinerâncias da política curricular do ensino básico na Guiné-Bissau 1973-2011. Saberes locais e diversidade cultural. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2022.
- MORGADO, J. C.; POÇAS, A.; SANTOS, J. G. A educação em meio rural à luz dos documentos oficiais da Guiné-Bissau. Os desafios a percorrer no ensino básico. In. III COLÓQUIO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE QUESTÕES CURRICULARES, 2017, Praia. Anais [...]. Praia. UniCV, 2017.

OLIVEIRA, A. V. Os caminhos de acesso à educação escolar e à vida universitária na Guiné-Bissau. Minicurso apresentado ao Grupo de Pesquisa Caldeirão, Universidade Federal do Ceará, Ceará, 8 de maio de 2023.